

# CADERNO NOVA CARTOGRAFIA

## Comunidades Quilombolas do Município de Esperantina

SETEMBRO  
2014

PROJETO

### Mapeamento Social

como Instrumento  
de Gestão Territorial  
contra o Desmatamento  
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS  
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



8



## Comunidades Quilombolas do Município de Esperantina

O município de Esperantina fica situado no limite norte do Estado do Tocantins, no encontro dos rios Tocantins e Araguaia. O município está inserido no bioma Amazônia, na região denominada Bico do Papagaio, médio Tocantins.

Na primeira metade do século XX, a região do médio Tocantins era o lugar de encontro e trânsito de migrantes especialmente do Maranhão, antigo norte de Goiás e baixo Tocantins. Dentre essas migrações, inclui-se uma parcela significativa de população negra (SILVA, 2006).

Em Cametá (baixo Tocantins), concentrava a segunda maior população de escravos africanos do Grão-Pará (SALLES, 1971; BEZERRA NETO, 2001 48). Mapeamento realizado por ACEVEDO e CASTRO, 2005, apontam um total de 283 comunidades negras rurais no Pará. Os Estados do Pará e Maranhão possuem atualmente 161 e 369 comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares.

A região do Bico do Papagaio foi muito estudada a partir dos conflitos agrários entre posseiros e fazendeiros. Mas, questiona-se qual era a identidade étnica dos posseiros. O primeiro mapeamento aponta que a grande maioria dos posseiros eram quilombolas migrantes.

*“Os Prachatas mesmos, são os mais antigos. Era Prachatas no Tocantins e Ciriaco no Araguaia e ai depois deles foram os Carrapichês. Eram essas três famílias, as mais velhas.”*

MARIA PRACHATA



### Comunidade Quilombola Prachata

#### A luta pelo Território

**CLEUDIANE** Prachata segundo meu tio Raimundo, conhecido por Mundico meus antepassados, meu tataravô era Lucas Rodrigues, a esposa dele Tereza, e a filha Maria vieram de Minas Gerais, lá eles eram escravos, fugiram de uma fazenda...chegaram aqui por volta de 1880...habitaram em Praia Norte, trabalharam nos batelões e na extração da castanha no Pará ... Manoel Prachata e Jose Prachata já nasceram na área do Jatobá... começaram a habitar a região da ilha em 1926.

**LUZINETE RODRIGUES DE JESUS:** minha mãe disse que eles moravam em Marabá quando ela nasceu... Ela chegou aqui em mil novecentos e vinte e seis (1926), eles moraram aqui na Santa Rita... meu avô era o José Prachata e João Prachata, irmão da minha mãe. Ela nasceu em vinte seis, na mesma época que ela veio para cá, casou em cinquenta e teve treze filhos. O Manoel Prachata é tio dos meninos ai, meu também, mas eu não conheci.

**LUZINETE:** Meu avô disse que trabalhava era no batelão, negócio de castanha do Pará... a mãe disse que ele passava, até três meses aqui e voltava para lá de novo... só sei que eles chegaram e habitaram nessa área ai. De lá de perto do Cocal para cá tudo era dele.

**MARIA PRACHATA:** mas quando eu tomei conhecimento com o veio ele já morava aqui... E o outro morava cá mais para cima, eram dois irmãos, um chamava José que era meu sogro e o outro era Manoel.

**MIGUEL:** ... quase todo dia os ladrões vinham de lá de cima querendo invadir esse pedaço de terra acolá, meu pai todo dia tinha que andar na mata ai quando dava fé o cara já tinha feito a picada, meu pai ia lá e tirava, quando pensava que não, de novo! Era o pessoal do centro dos mulatos, lá de São Sebastião, também tinha muitos querendo tomar as terras, o negócio que o velho era meio duro não deixava não.



Leidiane e Naiane

Antônio, Lucivaldo, Francisco, Eliete, Lacineia, Naiane, Divan e Luzirene



Antônio, Luciana, Suiane e Miguel



**MIGUEL:** na verdade mesmo, nós fomos afastados pelo fazendeiro né. Que foi o doutor Salim lá de Tocantinópolis. Não tem aquela refinadora de óleo lá em Tocantinópolis, que chama Tobasa? Ele que era o dono, ele foi quem negociou essa área do jeito que ele quis. Ai foi afastando todo mundo, e foi entrando nas terras e jogou gado ai dentro, ai virou o bicho. Depois dele foi que os posseiros entraram. Mas antes foi ele quem veio tomando tudo, ele veio negociando por preço de banana, do jeito que ele queria. Ele era rico, o povo era pobre, aquele que queria tudo bem, o que não queria saia a foice.

**MIGUEL:** Quando ele saiu tinha só o velho meu pai e nós, os outros já tinha ido embora, já tinha morrido o velho meu avô e o tio também. Os outros irmãos dele mais novo tinham saído, ido embora, ficou só ele de durão, ai o pai ficou tomando de conta. Sendo dono na terra de todos e ficou tudo para ele, na responsabilidade dele.

**MIGUEL:** Em oitenta eles já ocupavam ai.

**DIVINO:** Foi grileiros que foi entrando ai, foi indo, foi que surgiu o INCRA, ai o INCRA foi cortando, dividindo para eles e deixando nós de fora toda vida. Ai o que sobrou para nós foi essa área ai.

## A vida no Território

**ANTONIO:** tudo é plantado aqui, esse pé de babaçu, no tempo do nosso avô era só esse pé de caju, aí ele que trazia coco. Aqui tinha uma cutia aí ela saiu espalhando e esse coco é trazido lá da pedra de amolar.

**MIGUEL:** aquele pé de cajá também foi plantado. Foi a falta de escola para estudar, eu já levei um (menino), quase atrasado, eu já levei ele com dez anos lá para a rua.

**MIGUEL:** Na época tinha muito peixe né, era um dinheirinho mais fácil da gente arrumar. Não carecia suar, era ligeirinho o cara pegava mil, dois mil quilos de peixes, era rápido, agora não está tendo mais esse tanto de peixe.

**MIGUEL:** é porque tem muito pescador. Muito desmatamento na beira dos lagos. ... os lagos foram tudo invadido pelos posseiros. Desmatando as beiras, aí não teve como criar mais peixe. Pescava no rio no tempo de cardume, aí acabava os cardumes, aí virava pro lago, a temporada do lago era maior, mais puxada, os cardumes era rápido e hoje já não tem mais cardume e nem peixe no lago.

**ANTONIO:** os cardumes eram de março a junho e pro lago era de junho a outubro aí final de outubro fecha. Pescava de rede de anzol, tem a pesca do tucunará que era de junho e no mês de maio é bom para pegar ele. Nesse tempo a gente pesca de anzol e de rede. Nós deixamos os lagos de mão, aí no mês de junho a outubro a gente pesca na praia aqui pegando avoador. É só o peixe que a gente pega mais, é só o avoador, nós mexemos com essa área aí.

**MIGUEL:** uns dez anos atrás a gente lavrava bem com a melancia. Hoje já não dá mais porque o rio não lava mais a terra, aí dá muita praga, inseto. O que a gente plantava era melancia, abóbora, feijão, esse que era o nosso. Essa terra é muito boa para arroz, mas as vezes a gente plantava, mais o rio chegava e colhia primeiro do que a gente ficava só com o trabalho perdido. Agora a abóbora e a melancia, isso aí era plantio do verão, mas hoje a gente está prejudicado por que não está mais lavando as terras. Vamos tentar mexer com irrigação esse ano. Comprar um motorzinho para ver se funciona e desenvolve melhor.

**MIGUEL:** o Cajá perde tudinho ali. Bacuri é pouco! É só um pé. Murici tem muito no varjão. Só por que tem esse gadinho aqui, se não o povo já tinha invadido tudo e é gente de bem daí dessas terras. Essas terras são boas demais para feijão!

**MIGUEL:** bem ali (lago do limão), ainda tem o jeito do porto, ainda tinha a casa aí. Nós moramos aqui. Eu saí com a idade de dezesseis anos. Aí os caras botaram o nome do lago do limão, porque quando eles chegaram aqui acharam o limão carregado, aí ficou lago do limão.

**MIGUEL:** aqui há uns trinta anos, era uma área que não secava, era água direto, antigamente a gente saía era correndo aí foi criando praia. E a praia foi matando e agora ninguém vê nem quase a diferença de onde era o porto.



**Comunidade Quilombola Prachata e pé de cajá da comunidade Quilombola Prachata**

## Comunidade Quilombola Castanheira do Ciriaco

### A ocupação do Território

**NAZARÉ:** Era Ciriaco Alves de Sousa. Ele veio com o pai dele. O pai dele veio primeiro, aí ele morava no Landi nesse tempo. O Landi fica no Pará, próximo de Marabá. Ele já veio casado. Foi meu avô quem veio primeiro, mas a minha avó, Raimundo Alves de Sousa. Só sei que eles casaram em mil novecentos e trinta. Tinha gente que chamava o nome da comunidade de



### Família Prachata

Castanheira ... ficou Castanheira do Ciriaco. Só quem nasceu aqui foi eu das mais velhas. Eu nasci em mil novecentos e quarenta e sete.

**TERESINHA:** O nome da vovó era Maria das Graças, mas só chamavam Ingraça.

**NAZARÉ:** Mas tinha muita gente que morava nesse beradão, minha mãe nasceu em mil novecentos e onze e o papai em mil novecentos e quatorze.

**NAZARÉ:** o meu pai catava era com os filhos mesmos e meu avô também era com os filhos. Ele (meu pai) era um catador de castanho no Pará. Cortava castanha três meses. Era janeiro, fevereiro e março o tempo das castanhas né. Eles iam para o Pará e nós ficava ai, olhando a roça até quando ele via que o arroz já estava do jeito de apanhar, era ai que ele chegava.

**NAZARÉ:**... Agora eu não sei contar assim de nós saber se era descendente de índio ou de negro. Seio que era tudo negro, negro preto. Minha mãe era pretinha, pretinha! Meu pai era preto, por isso que saímos tudo preto, não tem um branco.... A irmandade tudo é preta!

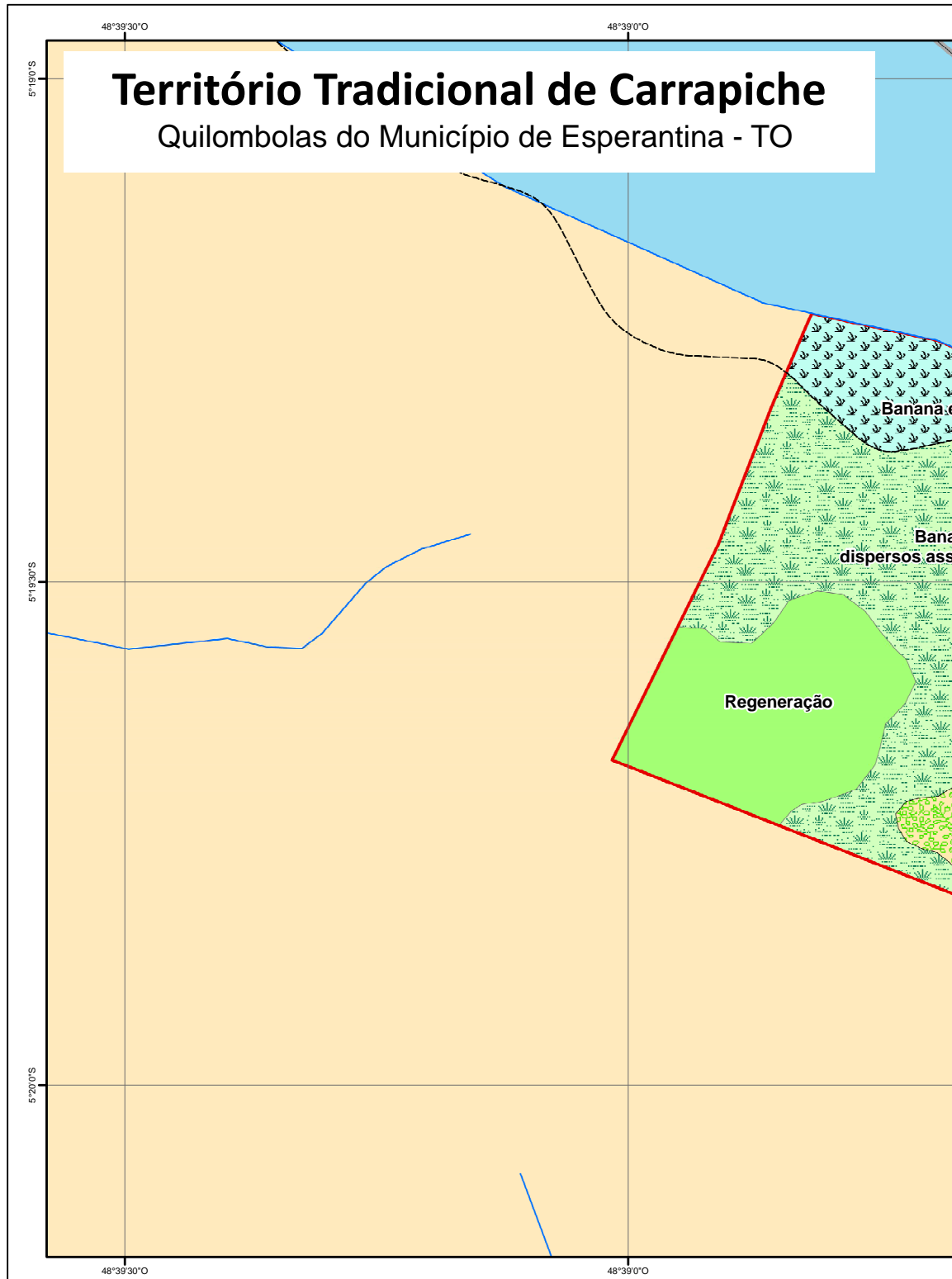
### A luta pelo território

**LUCIO:** Eu lembro que foi assim mesmo quando o pessoal chegou, depois foram tomando as terras lá do Ciriacos, lá do lado do Araguaia. Tomando conta e foram diminuindo as terras dos Ciriacos. Como os Ciriacos viram que iam ser tomadas suas terras, ai mediu lá um pedaço e ficou com esse pedaço de terra lá. Já tinham ocupado muitas terras! Tomadas da região. Lá muita gente chegando e foram se apossando e tomando as terras.

**NAZARÉ:** eles queriam tomar nossas terras... o Vanderlei dizia que a terras era dele é que ninguém não sabia nem quem ele era. Só que ele mexia com dinheiro, tinha barco bom, tinha voadeira, ai ficou com um pedaço de terra ali do pontão, ai ficou assim mexendo com um e com outro até que mataram uns dois peão dele. Eles aquietaram a cara e foram embora. Ai ficou abandonada a terrona, daí foi vendendo.

# Território Tradicional de Carrapiche

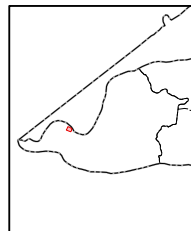
Quilombolas do Município de Esperantina - TO



Localização no Tocantins



Localização em Esperantina



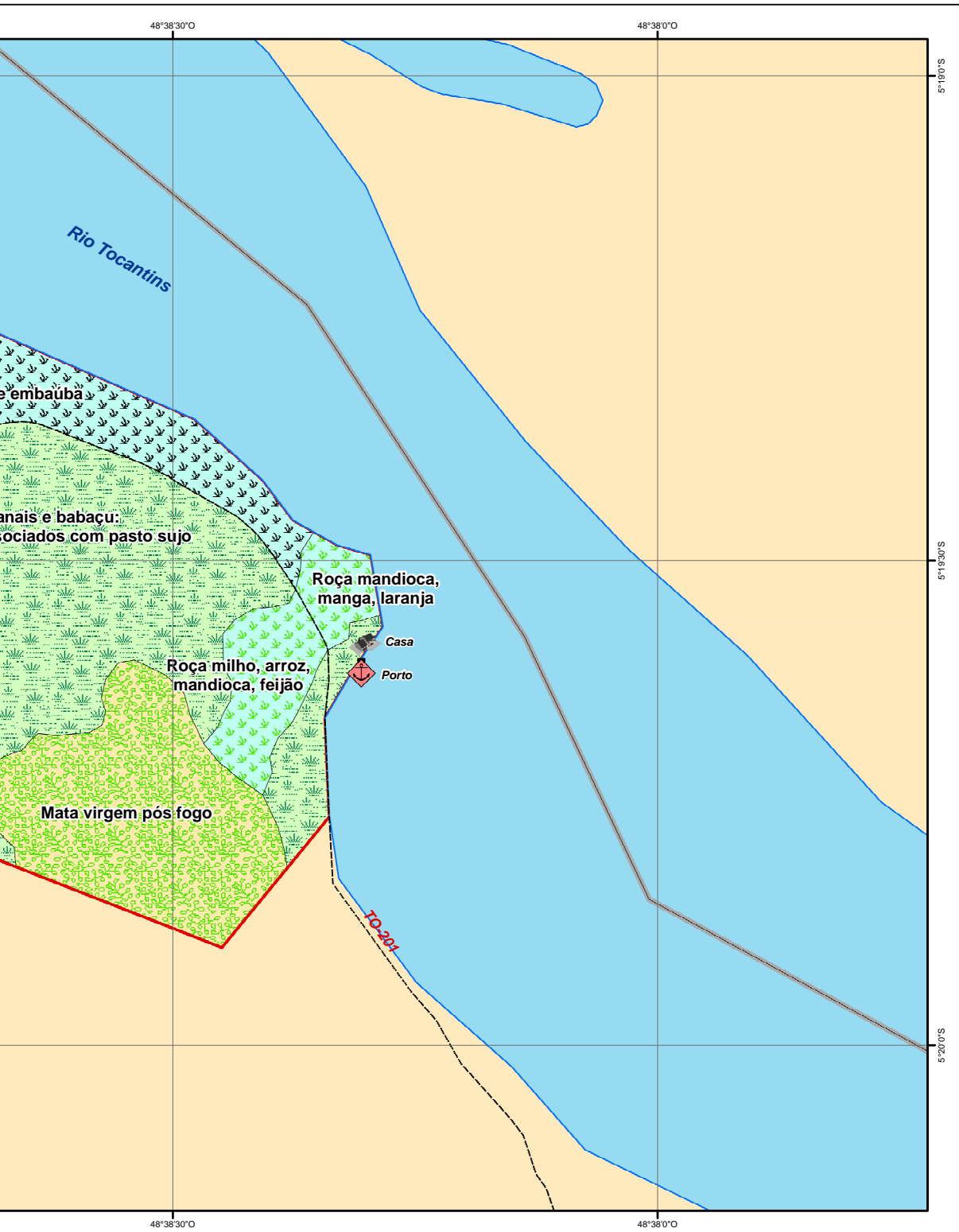
1:8.000

160 0 160 320 m



Sistema de referência: SIRGAS 2000 | Unidade de medida: Graus  
Fontes: Croquis dos participantes das oficinas de mapas,  
pontos coletados com GSP, SEPLAN 2012.

- Mar
- Cor
- Mar
- Pas
- Roç
- Reg
- Ban

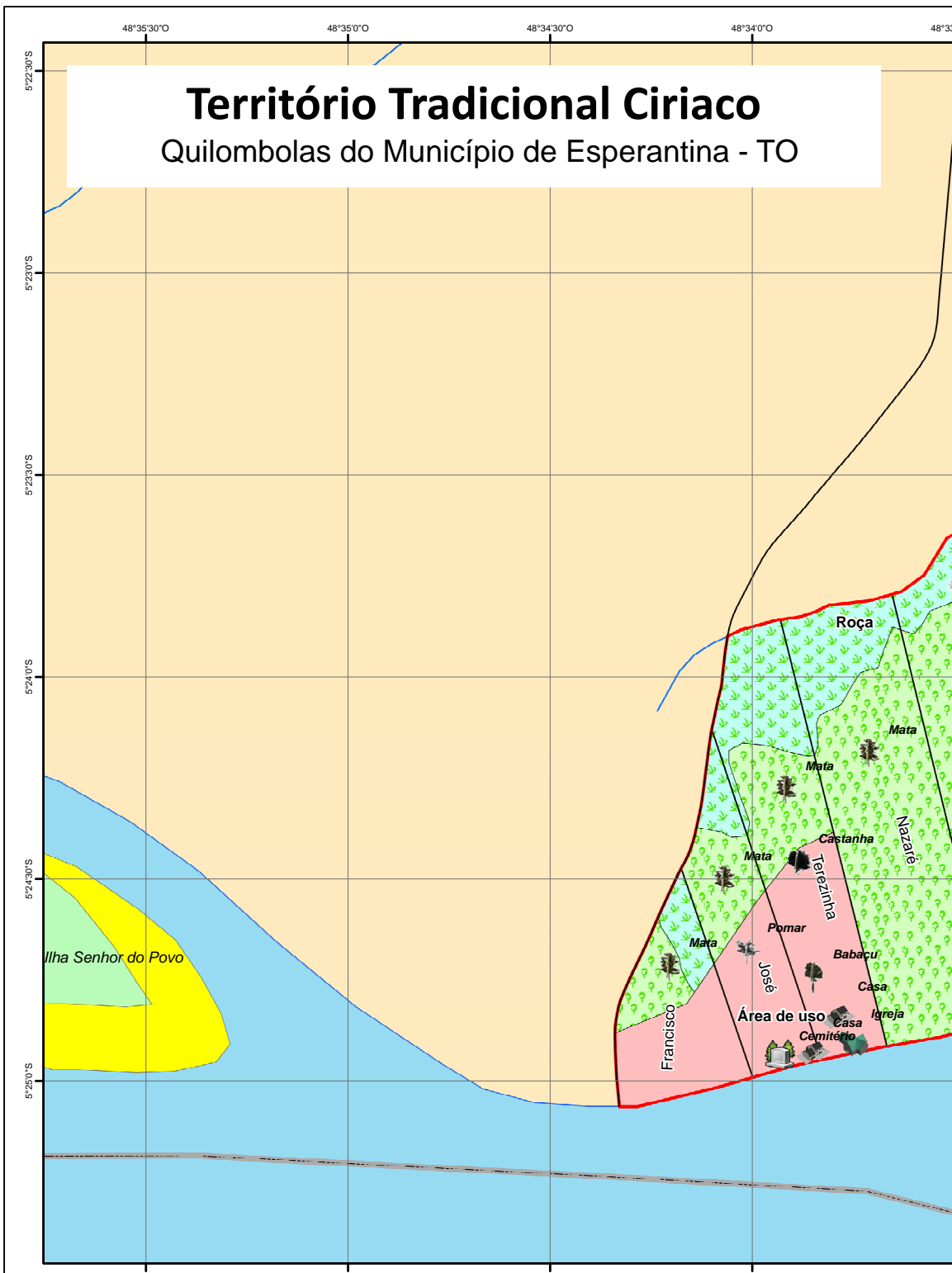


Água		Casa	○	Localidade
Mun. quilombola		Porto	●	Sede municipal
Mata virgem	-----	Limite Municipal	-----	Limite Estadual
Pasto sujo com bananeiras e babaçus	-----	Rodovia pavimentada	-----	Rodovia leito natural
Roça	-----	Rodovia leito natural	-----	Hidrografia
Regeneração	-----	Hidrografia	-----	
Mata de embaúba	-----		-----	

<b>QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE ESPERANTINA-TO</b>	
<b>TERRITÓRIO TRADICIONAL CARRAPICHE</b>	
junho/2014	Equipe de pesquisa: Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO) Equipe de levantamento de GPS: Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)

# Território Tradicional Ciriaco

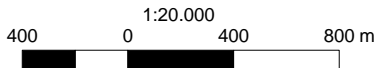
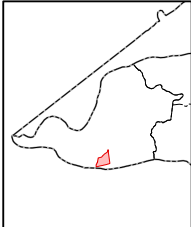
## Quilombolas do Município de Esperantina - TO



Localização no Tocantins



Localização em Esperantina

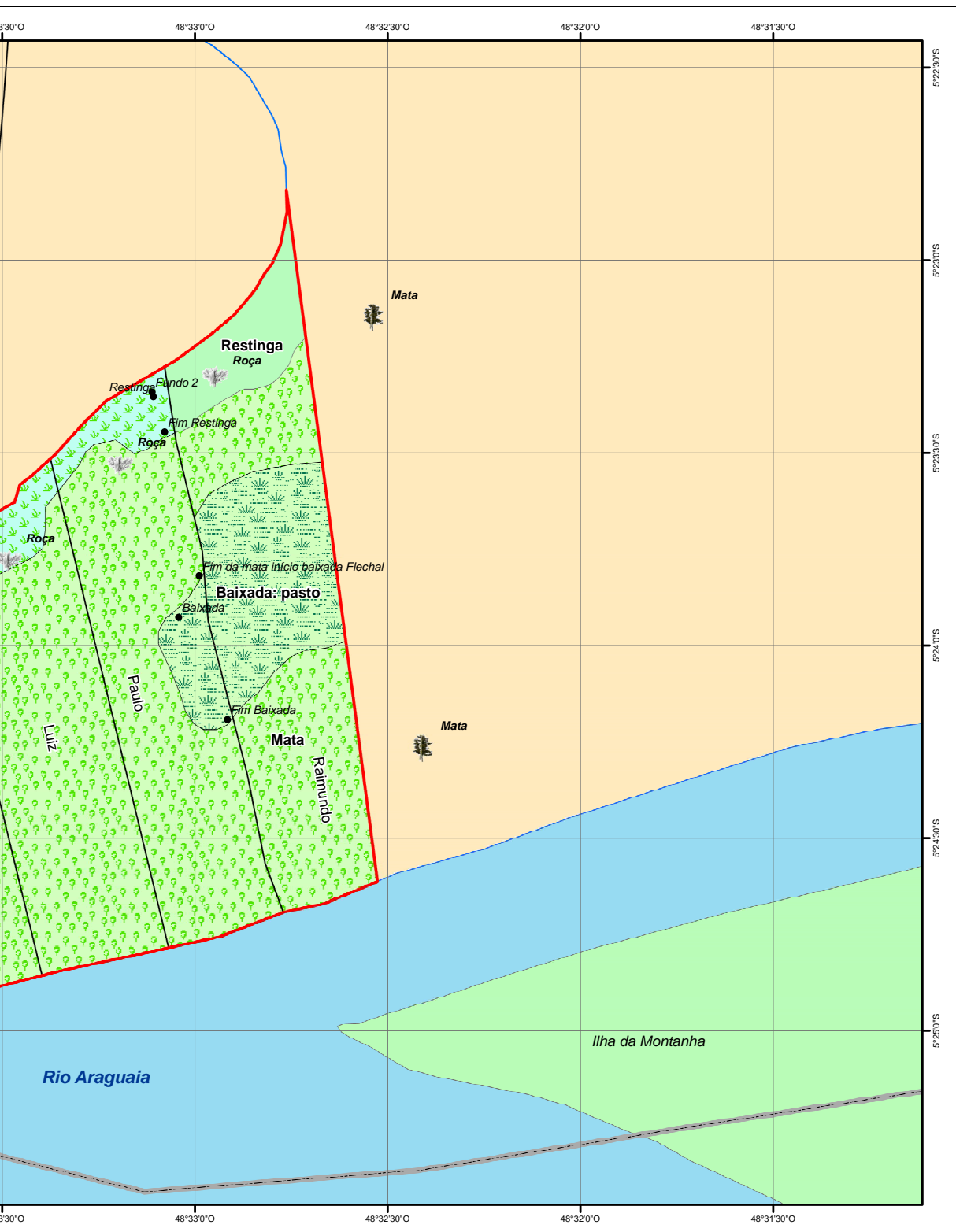


Sistema de referência: SIRGAS 2000 | Unidade de medida: Graus  
 Fontes: Croquis dos participantes das oficinas de mapas, pontos coletados com GSP, SEPLAN 2012.



- Casa
- Igreja
- Cemitério
- Pomar
- Babacu
- Casa





- Mata
- Pomar
- Roça
- Hidrografia
- Rodovia leito natural
- Limite Estadual
- Ilha
- Praia
- Área de uso
- Baixada: pasto
- Mata
- Restinga
- Roça
- Comun. quilombola

**QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE ESPERANTINA-TO**

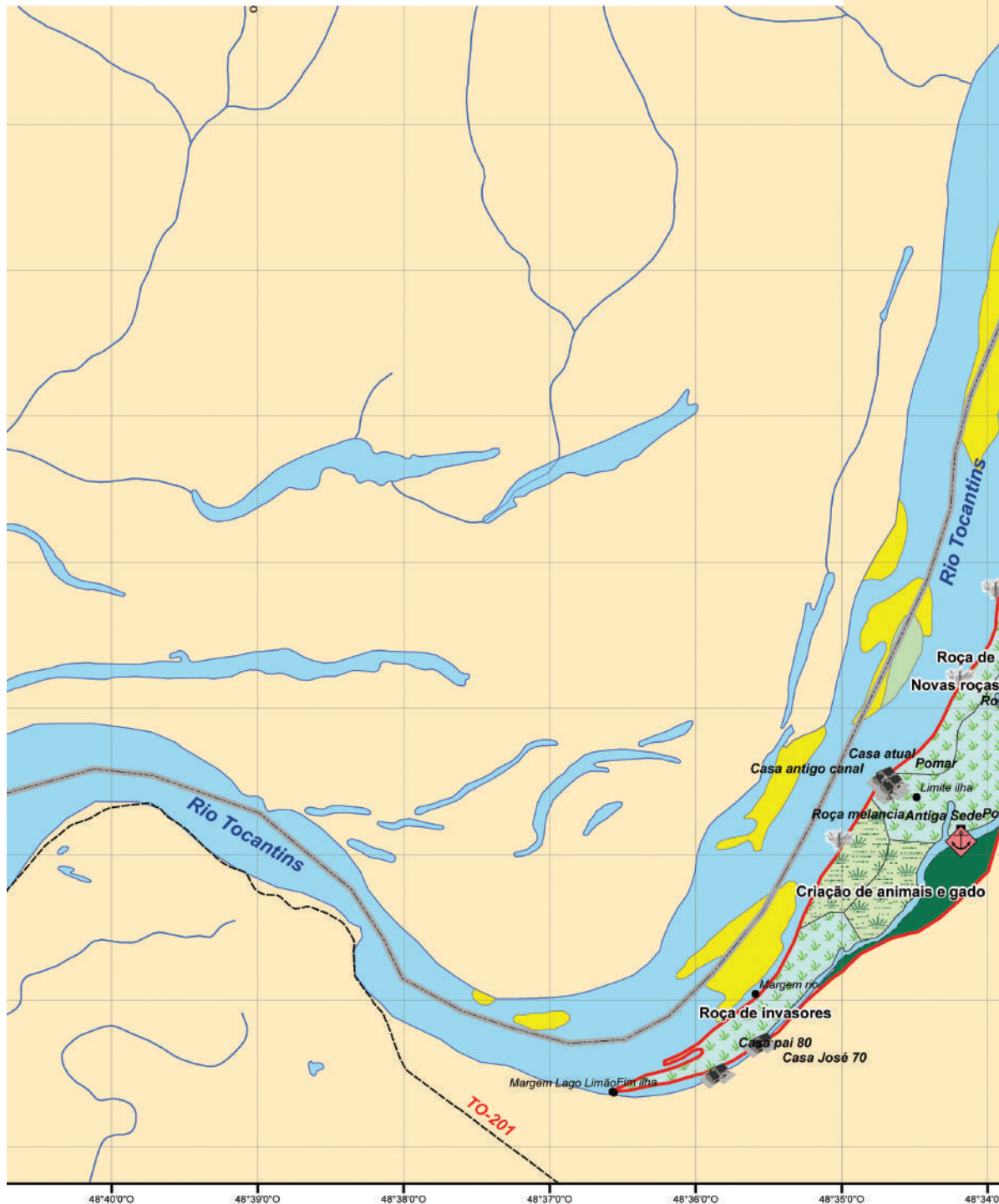
**TERRITÓRIO TRADICIONAL CIRIACO**

junho/2014

Equipe de pesquisa:  
Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)  
Equipe de levantamento de GPS:  
Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)

# Território Tradicional Prachata

Quilombolas do Município de Esperantina - TO



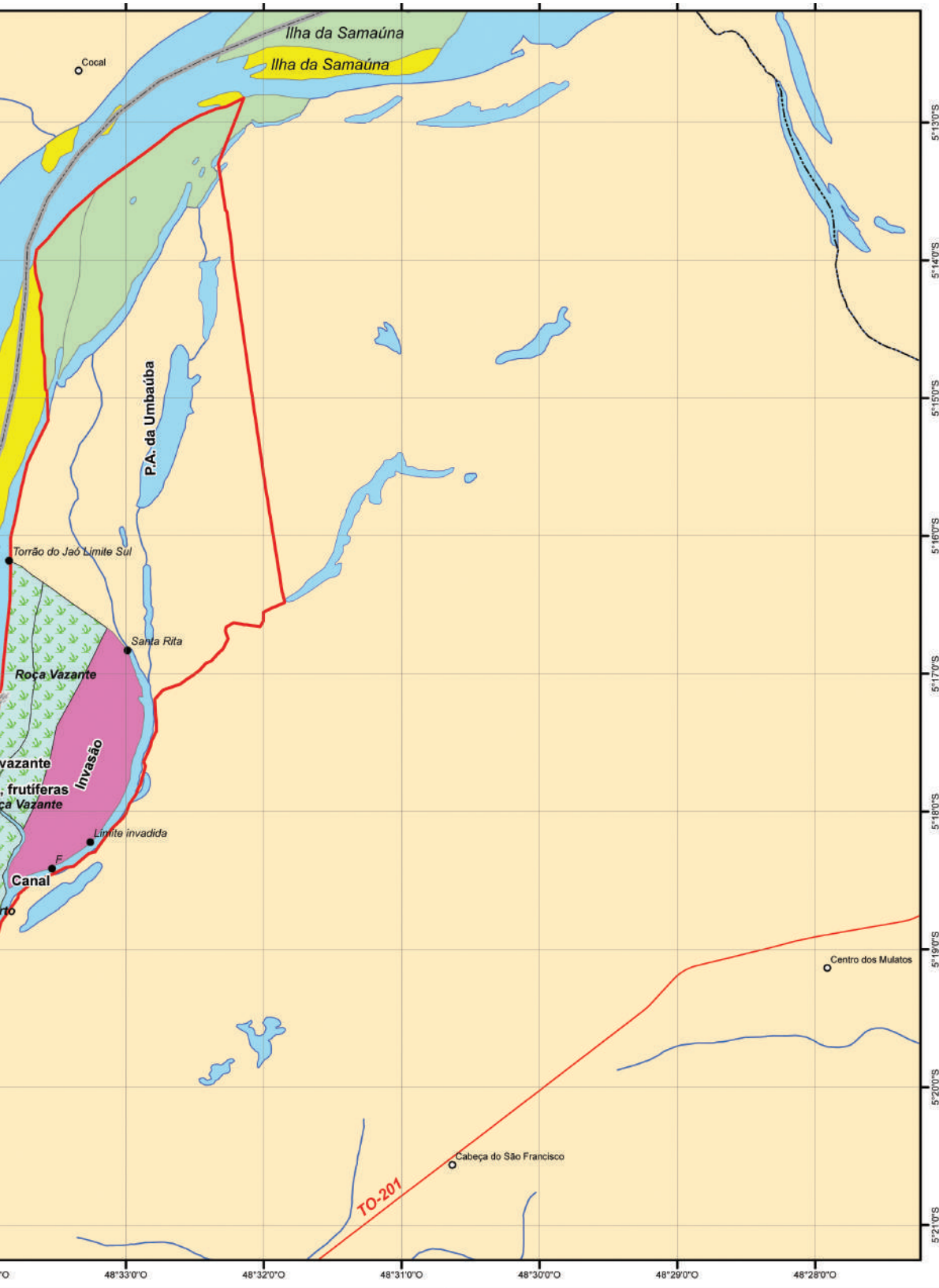
ção no Tocantins



Localização em Esperantina



- Casa
- Cemitério
- Igreja
- Pomar



- Rodovia pavimentada
- - - Rodovia leito natural
- Limite Estadual
- Hidrografia
- Massa d'água
- Ilha
- Pasto
- Roça
- Área de caça
- Invasão
- Roça

**QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO  
DE ESPERANTINA-TO**

---

**TERRITÓRIO TRADICIONAL PRACHATA**



**FRANCISCO:** Em oitenta e oito mais ou menos mediu as terras... primeiro foi a GETAT depois INCRA ... a GETAT foi quem mediu as terras.

**NAZARÉ:** ai foi diminuindo. Hoje tem só um pedacinho que nós deixamos lá.

**TERESINHA:** eu tenho um pedacinho, e comadre tem um pedacinho, mas ou menos um alqueire.

**FRANCISCO:** ...esse aqui foi meu avô, meu bisavô que deixou, meu pai passou pra mim e ainda hoje esse aqui é nosso! Jamais eu quero vender, me dispor ... não foi abatimento, foi um pouco de cansaço, aquela coisa sempre eu falo, tem os canteiros lá, se o prefeito arranjar o maquinário para a gente ainda vou botar minha rocinha, plantar meu feijão, plantar minha mandioca, o meu arroz, a minha melancia, de tudo em um alqueire dá né, se você fizer um canteiro você faz uma hortinha, lá tudo é bem-vindo. Jamais quero vender meu pedaço de terra lá. Eu gostava de mais da roça! Tinha meu porquinho, galinhas, uma vaquinha para você tirar o leitinho todo dia! É bom demais né!

**FRANCISCO:** Já vendi aqui, quando eu já estava aqui ainda trabalhei uns três anos lá, uns três anos eu trabalhei lá, ai aquela coisa, a condição financeira também é pouca né! Imagine para dezoito quilômetros tirar por dia é meu frágil né! A bicicletinha, aquela coisa, a gente vai ficando idoso e ai a roça é pesada

**FRANCISCO:** Com certeza, energia passada mais antes, estrada boa, a dificuldade era grande para a gente está montado no jumento. A gente vindo de lá para cá como eu vim várias vezes, botava um volume, dois volumes de arroz na carga e vinha limpar aqui, que só no pilão não era dificuldade né.



Lídia Dias de Sousa e Ciriaco Alves de Sousa, comunidade Quilombola Castanheira do Ciriaco e Nazaré Dias Alves e Terezinha Dias de Sousa

## Comunidade Quilombola Carrapiché

### A luta pelo Território

**RAQUEL:** Antônio Mendes da Silva, mas era conhecido só pelo Carrapiché.

**JOSÉ PRETO:** Ele morava aqui no Araguaia também! Só que eles são de Caxias do Maranhão. Os pais dele eram de lá de Caxias, da região mesmo do Maranhão, onde foi escravizado muita gente, muita gente lá era escravo!



Porto no rio Araguaia da Comunidade Quilombola Castanheira do Ciriaco, Comunidade Quilombola Castanheira do Ciriaco, Pé de Bacuri com a placa da Comunidade Quilombola Castanheira do Ciriaco e comunidade Castanheira do Ciriaco

**RAQUEL:** Era de onze meu avô, dia oito de junho de mil novecentos e onze. No documento tinha como ele era filho de Marabá.

**JOSÉ PRETO:** No Bacurizinho, ali acima do Marabá, lá já até acabou esse lugar, veio ali de perto do Landir, já desceu por lá, Marabá é ali do lado do Landir.

**VIRGÍLIA:** ai ele viajava, ele era piloto de motor nessa região aqui não tinha outro.

**RAQUEL:** foi teve a primeira que é a mãe da minha mãe e ai depois já com muito tempo, eles se separam ai, se casou com a mãe dela.

**VIRGÍLIA:** eu era mulher dele, eu tinha catorze anos, eu nasci e me criei lá no São João. Meu pai era de lá de baixo, daqui do Maranhão. Era Francisco de Oliveira e a minha mãe Antônia de França Barbosa, veio dai de São João do Araguaia.

**RAQUEL:** Trabalhou de borracha, tudo ele fazia.

**JOSÉ PRETO:** Trabalhou muito tempo com castanha.

**JOSÉ PRETO:** (...) passava uma parte do tempo no Pará e outra aqui, a castanha era na época de inverno né, castanha começa de dezembro para frente, quando ela está caindo é o tempo que o castanheiro tá apanhando, até mês de abril, mais ou menos. Agora a borracha, eu acho que é de verão a borracha, faz muito tempo que acabou aqui no Pará.

**JOSÉ PRETO:** A que ele vivia era essa aqui, mas o que ele tinha mesmo era lá em cima no Araguaia. Do tempo que vocês chegaram, lá era o lugar que vocês chamavam de atanajé, que vocês moravam.

**EDITE:** Sei que nós morou abaixo do bom viver, fica ali no Araguaia mesmo.

**JOÃO:** nós morava no Pará, na beira do rio Araguaia, por baixo do Carmo, lá é município de São João do Araguaia.

**JOSÉ PRETO:** em Setenta e quatro, setenta e cinco, foi a época que eles mais botaram para tomar essa área do Araguaia.

**EDITE:** não, nós saímos de lá, saímos de lá foi até na carreira que o papai saiu de lá, foi até com medo de um fazendeiro ... eu sei que era um doutor lá de Araguatins! ...O papai arrumou o motor de João Adebar e tirou nós de noite. João Adebar foi quem tirou nós para cá e quem arrumou nós bem aqui. ...teve mesmo a grilagem, teve, papai encarou ele, ai eles encararam o pai, a mamãe era muito fraca, ai ficava só tirando o pai, tirando o pai, até nós saímos de noite que senão ele matava mesmo, ai nós saímos de lá, parece que era mesmo doutor Vanderlei, era uma coisa assim, que era o dono daí, pois é, e ai nós saímos de lá, assim...eu sei que quem era os donos daqui era o compadre Rafael. ... porque o doutor Salim comprou aqui e deu para o pai.



Raquel, Edite, José Filho, José Preto, Raquel, Edite, José Filho, Edite, João da Cruz, João Cristino e porto do rio Tocantins na comunidade Quilombola Carrapiché

**JOÃO:** Vou lhe contar uma história aqui, eu vi o meu pai falando que essa terra que tinha ficado para ele dava cinquenta alqueires de terra, o papai era estava no meio junto com doutor Salim, quando a terra foi invadida, que ficou só essa pedra de amolar, ai ele encostou aqui e chamou o papai dizendo que ia embora, papai disse: rapaz ainda fica muita terra, ele disse, mas para mim não dá mais, ai ele foi embora e deu a terra para o papai.

**JOÃO:** papai fazia todo serviço, só não fazia dirigir caminhão, mas motor, voadeira, mexer com gado, carregava carne de porco para Tocantinópolis, tudo papai fazia!

**RAQUEL:** foi que nós viemos pra ali, em setenta e oito.

**JOSÉ PRETO:** De trabalhador, depois que o governo indenizou a área e o INCRA cortou, mas por muito tempo, morava aqui, já estava com dezesseis anos que nós morava aqui, quando o INCRA passou o corte da terra aqui, ai eu fiquei com esse lote. Esse aqui é o último lote, lote um, é entrada, é saída para cá. Para cá é a reserva, depois desse lote meu pra lá é a área do governo né. Depois do lote para lá não é cortado pelo INCRA não. Está cheio de gente, mas não é cortado pelo INCRA esse aqui é o último lote!

**RAQUEL:** é tava com quarenta anos que ele morava aqui, era meu avó que era o pai da minha mãe.

**JOÃO:** não ele caçava, pescava, ele pescava era com vontade mesmo, ai vendia o couro de jacaré, coró da onça.





**LISTA DE PRESENÇA DAS PESSOAS QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS**

Maria Prachata	Lucivaldo Dias dos Santos
Luzinete Rodrigues de Jesus	Nazaré Dias Alves
Miguel Prachata	Terezinha Dias de Sousa
Antônio Prachata	Francisco Dias de Sousa
Francisco Prachata	José Preto
Eliete Prachata	Raquel Carrapiché
Lacineia Prachata	Virgília Carrapiché
Naiane Prachata	Edite Carrapiché
Divan Prachata	João da Cruz
Luzirene Prachata	João Cristino
Luciana Prachata	José Filho
Suiane Prachata	Du Reis
Divino Prachata	Maricó Carrapiché

C122 Caderno Nova Cartografia Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 8 (set. 2014) – Manaus: UEA Edições, 2014

v.: il. ; 30 cm.

Irregular.

Coordenação geral do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (CESTU/UEA/PPGCSPA) e Rosa Elizabeth Acevedo Marín (NAEA/UFPA/PPGCSPA).

ISSN 2359-0300

1. Conflitos sociais – Amazônia – Periódicos. 2. Comunidades tradicionais. 3. Desmatamento. 4. Territorialidade. 5. Cartografia. 6. Mapeamento social. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marín, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811)(05)

**PROJETO NOVA CARTOGRAFIA**

**COORDENAÇÃO ESTADUAL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS**

**COORDENADOR EXECUTIVO**

Carlos Eduardo Negres Victorio

**COORDENADORA ADMINISTRATIVA**

Márcia Azevedo Barbosa

**COORDENADORA DE FINANÇAS**

Lucivânia Almeida de Brito, brasileira

**COORDENAÇÃO DE TERRITORIALIDADE:**

José Carlos Silva Sousa

**COORDENAÇÃO DE SAÚDE:**

Emílio dos Santos Rosa

**COORDENAÇÃO DE JUVENTUDE**

Jeferson Dias dos Santos

**COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO**

Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

**COORDENAÇÃO EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO**

Neima Didíma dos Santos

**COORDENAÇÃO AGRÁRIA**

Isabel Rodrigues

**CONSELHO FISCAL**

**1º Titular** Jorlando Ferreira Rocha;

**2º Titular** Domingos Barbosa da Silva;

**3º. Titularn** Lourenço Gonçalves de Almeida;

**SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL:**

**1ª Suplente** Eliene Fernandes Crisostomo de Almeida;

**2º. Suplente** Francisco Edinar de Oliveira;

**3ª Suplente** Elzita Evangelista Rodrigues;

**COORDENAÇÃO DO PNCSA**

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

**EQUIPE DE PESQUISA**

Paulo Rogério Gonçalves

APA-TO

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

UFT- Curso Educação do Campo

Ana Claudia Matos da Silva

APA-TO

**EDIÇÃO**

Paulo Rogério Gonçalves

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

Ana Claudia Matos da Silva

**TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO**

Ana Claudia Matos da Silva

**CARTOGRAFIA E MAPAS**

Eder Soares

**LEVANTAMENTO DE PONTOS DE GPS**

Paulo Rogério Gonçalves

**FOTOS**

Ana Claudia Matos da Silva

**DESIGN GRÁFICO**

Casa 8 Projetos e Edições

# CADERNO NOVA CARTOGRAFIA 8

SETEMBRO 2014

As oficinas de mapas com as Comunidades Quilombolas do município de Esperantina – Tocantins: Praxata, Ciriaco e Carrapiché ocorreram entre os dias 20 e 25 de janeiro de 2014, foi necessário diversas visitas as comunidades para levantar dados complementares. A oficina de cartografia baseado na autocartografia das situações socioambientais e culturais entre os grupos ocorreu a partir de uma atividade do Projeto Mapeamento Social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: Processo de Capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais. O objetivo foi acompanhar e registrar situações de conflitos apresentadas pelas comunidades quilombolas do Município de Esperantina que reivindica a regularização de seus territórios tradicionais. As comunidades registraram a preocupação com a construção da Usina Hidrelétrica de Marabá que inundará os territórios das comunidades. Explicitaram as formas de uso do território e dos recursos no presente e no passado, bem como das práticas socioculturais que reafirma a relação e história no território. Assim como dos conflitos vividos que ameaçam a vida no território.

PROJETO

**Mapeamento  
Social**



ISSN 2359-0300

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



APOIO

